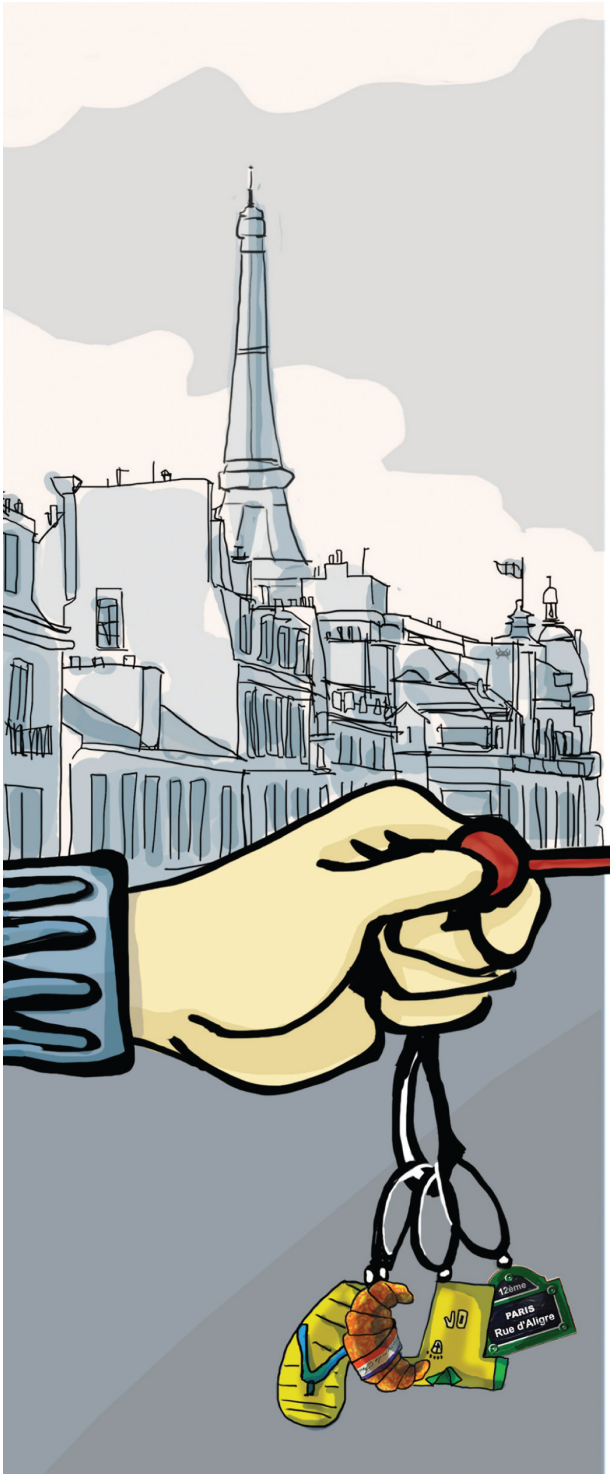
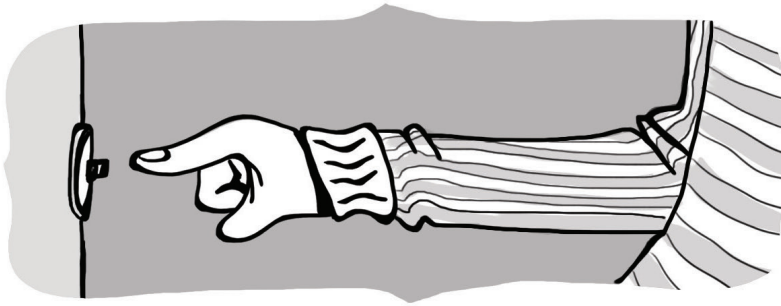
CHÉRI À PARIS

UM BRASILEIRO NA TERRA DO FROMAGE



DANIEL CARIELLO



UH LA LA

— Ding dong — Acusou a campainha, com seu carregado sotaque francês.

Achei estranho. Pensei que era um vizinho pedindo açúcar, sei lá. Abri. Parado em frente à porta um homem grande, loiro, que suava pelas ventas. Uma mistura de Gérard Depardieu com o brother do Jim Carrey em Show de Truman, mas um pouco mais bizarro.

— Bonjour — Ele disse.

— Bonjour monsieur — Respondi, caprichando no sotaque e achando que arrasava.

Daí ele desembestou a falar, rápido, papel na mão. Entendi nada.

— Pardon?

Ele repetiu tudo de novo, na mesmíssima velocidade. Agora pesquei uma palavra aqui e outra ali. Pelo que saquei, era alguma coisa a ver com as férias.

— Posso ler? — Pedi, apontando para o papel. Ele se enfezou.

— Mas é a mesma coisa que acabei de falar duas vezes!!! — Isso

eu entendi bem. E o suor passou a sair pelo nariz também, formando umas bolhas d'água.

Aí começamos uma guerra de nervos. Ele suando cada vez mais e eu puxando o papel, tentando entender do que se tratava. Nossa relação não começava muito bem, pensei. Não deu para ler tudo. A coisa degringolou de vez quando empaquei em uma palavra.

— Qu'est-ce que c'est Pâques? — Nunca tinha visto isso antes, Pâques. Comecei a desconfiar que ele trabalhava no zoo, ia sair de férias e estava arrecadando dinheiro pra cuidar das pacas de lá.

Não respondeu. O nível de tensão era alto. Pelo tanto que suava, deduzi que o cara estava prestes a implodir. Era melhor encerrar aquele papo o mais rápido possível. Fiz cara de mau e fiquei olhando para ele. Ele fez o mesmo, mas era mais feio e já estava encharcado.

— Pardon monsieur, não entendi bulhufas.

— Eu também não! — Senti meus cabelos voarem com o calor do seu bafo.

O cara deu as costas e saiu pelo corredor, bufando. Antes que eu pudesse fechar a porta, deu tempo de ouvir um urro de "putain!", algo equivalente ao nosso "puta merda!".

Dei duas voltas na chave, só pra garantir.

P.S.: Pâques é Páscoa. O sujeito devia querer uma ajuda para viajar no feriado. Ou não.

EU X ZIDANE

Primeiro sábado em Paris. Primeira festa. Atrasei-me, depois de passar um dia (infernal) na Ikea – megaloja que é uma espécie de Tok&Stok misturada com Makro – comprando coisas para a casa.

Ao chegar, uma surpresa: dos alto-falantes saía música brasileira! "Essa moça tá diferente, já não me conhece mais...", e os franceses, que adoram a canção, dançavam um samba meio frankenstein. Em seguida, mais Chico. E emendaram "O que será?". Comecei a me sentir em casa.

Na rua estava muito frio, mas no grande apartamento – uma coisa rara em Paris – estava bem quente. Tão quente que tive que tirar o sobretudo, o casaco, o cachecol e as luvas, apetrechos comuns aqui, apesar de pouco familiares para os tupiniquins.

Charlotte foi me apresentando às pessoas. Meu francês não é lá essas coisas, mas dá pra bater um papinho aqui e ali.

— Esses são os donos da casa.

— Enchanté.

— Esses são meus amigos.

— Enchanté.

— Esses são um casal que mora no Senegal.

— Enchanté.

Enchanté pra cá, cerveja aqui, enchanté pra lá, cerveja acolá. Música brasileira no som. Já me sentia totalmente enturmado.

Aí me apresentaram pra um sujeito do qual não me lembro da cara. Só me lembro da camisa.

— Ça, c'est Daniel. Il vient du Brésil.

E o rapaz, tal qual um Clark Kent, abriu o casaco e me revelou sua verdadeira identidade.

— Regarde. — E mostrou a estampa que ostentava, orgulhoso, do Zidane, enquanto cultivava uma expressão facial cínica.

Isso mesmo, o Zidane, que marcou dois gols de cabeça em 1998 e deu um balão no Ronaldo em 2006, que nos impôs duas derrotas em Copas do Mundo. E que, na final de 2006, perdeu a cabeça. Ou melhor: meteu-a com gosto no peito do Materazzi, zagueiro italiano.

Aí eu me enchi. Talvez pelas derrotas do nosso time. Ou pelo dia de cão na Ikea. Ou pela minha ascendência italiana. Ou simplesmente pelo excesso de cerveja. Achei que deveria fazer alguma coisa.

E fiz.

Na hora em que o rapaz exibiu a figura do careca em sua camisa, percebi que o orgulho nacional estava em jogo, ali, naquele momento. Era um tapa na cara. Um desafio para um duelo. E a hora da revanche.

Senti o peso e a responsabilidade. Cento e noventa milhões de brasileiros e 60 milhões de italianos aguardavam ansiosos por alguma ação minha.

Respirei fundo e, imitando o meio-campista francês, meti a testa no peito do cara, com mais força do que o previsto.

Feita a lambança, merecia um cartão vermelho, mas o máximo que pude fazer foi exibir um sorriso amarelo.

— Pardon.

No dia seguinte, acordei com uma baita dor de cabeça.

COMO FALAR FRANCÊS (SEM FALAR FRANCÊS)

Ao chegar a Paris, meu francês não era grandes coisas, mas mesmo quando não entendia o que falavam, sempre mantive a pose de totalmente fluente, fruto de algumas técnicas que desenvolvi.

É verdade que existem livrinhos de consulta rápida com frases prontas em diversas línguas. Normalmente são divididos por temas, como "chegando à cidade", "saindo para jantar" ou "pedindo informações", ótima opção para garantir ao menos uma comunicação básica.

Porém, se você quer fazer todos acreditarem que aprendeu francês na Sorbonne, anote as dicas a seguir. Para ser tão didático quanto o monsieur Gérard, dividi os ensinamentos em capítulos.

CINQ MINUTES DE MERDE

O que é

A primeira técnica, batizada de *Cinq minutes de merde*, foi criada por causa de um fato estranho que acontecia comigo. Mesmo que o assunto fosse fácil e as pessoas não falassem muito rápido,

eu demorava cinco minutos para dar um *boot* no meu sistema operacional interno e ajustar o cérebro à conversa. Era como um rádio meio fora da estação, que você pesca algumas palavras, mas não consegue entender o contexto.

O que fazer

Primeiramente, fique com um leve sorriso na cara o tempo todo. Dá um ar de quem está por dentro do assunto. Não exagere, pra não ficar com expressão de idiota. Olhe para quem está falando, mas não muito, pois ele pode te pedir uma opinião. O ideal é balançar um pouco a cabeça e ficar atento às outras pessoas da roda. Se elas rirem, ria também. Se fizerem cara de espanto, coce o queixo.

Quando entender um pouco, solte um "je vois" ou um "oui" de vez em quando. São os equivalentes ao nosso "sei, sei...", que não quer dizer nada, embora diga tudo.

Mas, quando boiar completamente, marque um ponto no horizonte e fixe o olhar. Se te perguntarem alguma coisa, arregale os olhos e repita a seguinte frase: "Pardon, j'étais inattentif". Em bom português, "Desculpa, estava desatento". Porém, NUNCA peça para repetir. É o momento ideal de procurar pelo banheiro.

FAISANT DES RONDS DANS L'ESPACE

O que é

É o tradicional circular pelo ambiente. Técnica fundamental, pois ninguém te pega no canto pra tentar desenvolver uma conversa. Se for uma festa, é mais fácil. Numa mesa de bar o problema é maior.

O que fazer

Há duas possibilidades para essa situação: ambientes onde você pode e onde você não pode se locomover.

Na primeira categoria encaixam-se festas, aperitivos, recepções e afins. É moleza se livrar. Basta circular com um copo quase vazio na mão. Quando alguém se aproximar, antecipe o passo e pergunte se ainda tem vinho. A frase-chave é «il y a encore du vin?». Sirva-se e depois dê o sumiço. Claro que você pode trocar por sua bebida preferida. Um rápido guia de referência: cerveja é bière, água é eau e coca é coca mesmo.

A segunda possibilidade é mais complicada e ocorre em jantares, mesas de bar e ocasiões em que todo mundo fica sentado. Torça para ninguém te perguntar nada. Quando houver uma pausa na conversa, lance você um assunto. Aliás, lance e em seguida vá ao banheiro. O banheiro é fundamental em todas as situações descritas aqui. É lá que você vai se refugiar por preciosos minutos. O tempo suficiente para que esqueçam um pouco da sua presença. Mais detalhes sobre lançar um assunto no capítulo seguinte.

EN DISANT DES COURGETTES

O que é

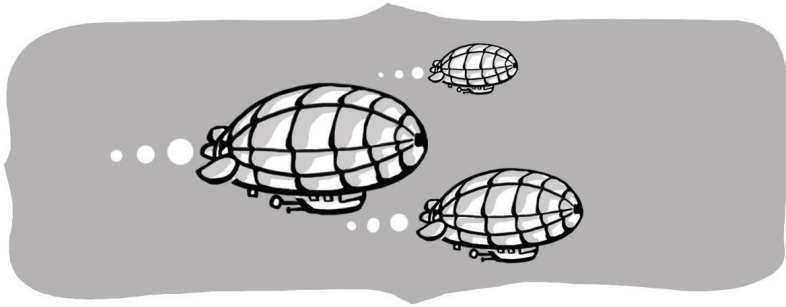
Conhecida em português como "falando abobrinhas", é uma técnica avançada, para aqueles que já têm ao menos uma pequena noção de francês. Consiste em preparar alguns tópicos para usar no momento certo.

O que fazer

Se você souber que vai sair, separe 30 minutos do seu dia para buscar umas palavras no dicionário e organizar um ou dois temas com os quais tenha familiaridade. Uma boa dica é falar de futebol, pois eles não perdem a chance de se vangloriar em cima dos brasileiros e você não precisará dizer muita coisa. Frases fundamentais: "C'est vrai, mais le Brésil est cinq fois champion du monde" ("É verdade, mas o Brasil é cinco vezes campeão do mundo") e "Pelé a marqué plus de mille buts. Et Zidane?" ("Pelé marcou mais de mil gols. E o Zidane?"). Solte na hora em que você desconfiar que todo mundo está falando das derrotas de 1998 e 2006.

Um outro tema interessante é caipirinha. Os franceses adoram a bebida. Se algum deles não provou, certamente conhece alguém que já o fez e contou maravilhas a respeito. Boa pra soltar ali pelo meio da noite, quando o nível alcoólico das pessoas deverá estar mais elevado. Frases fundamentais: "J'aime bien boire de la caïpirinha sur la plage d'Ipanema" ("Eu adoro tomar caipirinha na praia de Ipanema") e, se você for do tipo polêmico, solte uma "La caïpirinha, c'est meilleur que le vin" ("A caipirinha é melhor do que o vinho"). Mas aí você vai precisar estar preparado pra responder.

Com essas técnicas, aplicadas nas horas certas, posso garantir que seu francês será elogiado por todos. Quando isso acontecer, faça um ar meio blasé e tenha outra frase na ponta da língua: "Merci beaucoup, mais j'espère que la prochaine fois on parlera en portugais" ("Muito obrigado, mas tomara que da próxima vez a gente converse em português"). E saia.



PROCURA-SE PÃO FRANCÊS

— Três pães, s'il vous plaît.

— Qual?

— Pão francês. Queria três, bem assados.

— Pão francês?

— Não tem?

— Aqui na França, tecnicamente falando, todos os pães são franceses.

— É aquele pãozinho pequeno assim, ó.

— O croissant?

— Não, não. É um que parece um zepelim, sabe?

— Baguete?

— Não, a baguete parece mais um submarino e é grande. Esse é como uma baguete que encolheu.

— Voilà! É a minibaguete.

— Menor ainda.

— É a minibaguete cortada ao meio?

— Aí continua sendo uma minibaguete, só que cortada ao meio.

— Tem razão.

— Imagina que a baguete é o pai.

— Tô imaginando.

— O pão francês é o filho gordinho.

— Nunca ouvi falar.

— É o pão do dia a dia no Brasil.

— E vocês o chamam de pão francês?

— Sim.

— Olha, acho que ele não existe na França.

— Quer dizer que temos sido enganados esse tempo todo?

— Lamento te revelar isso assim, de supetão.

— Estou chocado.

— Ainda temos a baguete. Quer?

— Vai, me dá uma.

— Qual? Normal, tradicional, integral, com cereais?

— Mas é difícil comprar pão aqui, heim?

— O que você queria? Estamos na França. Temos dezenas de pães diferentes.

— Só não tem o pão francês.

— Esse não.

— Me dá uma baguete com cereais, então.

— Aqui está.

— Pode embrulhar?

— Hã?

— Colocar num saco.

— Aqui não...

— Já sei, não tem saco pro pão também.

— Isso.

— Vai me dizer que tenho que levá-lo debaixo do braço?

— Exatamente.

— Olha, mudei de ideia. Dá pra sair um misto-quente?

A FRANÇA EM TORNO DO UMBIGO

Eu sou o Daniel, moro em Paris. Paris fica na França. A França é o país da Torre Eiffel. A Torre Eiffel foi construída para a exposição universal de 1889. A exposição universal de 1889 foi feita em homenagem aos 100 anos da queda da Bastilha. A Bastilha era uma prisão que foi destruída na Revolução Francesa. A Revolução Francesa foi quando os parisienses tomaram gosto pela trilogia de liberdade, igualdade e fraternidade e também pela decapitação real. Na decapitação real, dançaram feio o Rei Luís XVI e sua esposa Maria Antonieta. Maria Antonieta foi aquela que falou ao povo: "Já que não há pão, comam brioches". O brioche nasceu na região da Normandia. A Normandia tem ótimos crepes e foi o local do desembarque das tropas aliadas, decisivo para o fim da II Guerra Mundial. Na II Guerra Mundial, a França do Marechal Pétain colaborou com o bigodudo Hitler e os alemães. Os alemães disputaram e perderam para os franceses, no século XIX, o controle de Estrasburgo. Em Estrasburgo moraram Mozart, Pasteur, Gutemberg e Calvino, este um dos líderes da reforma da igreja católica. A igreja católica é aquela que fala sobre desprendimento, mas nunca deixou de cobrar o dízimo. O dízimo também era exigido por muitos reis da antiguidade.

A antiguidade é um tempo que passou há muito tempo. O tempo, dizia o francês Nostradamus, é apenas a decomposição da matéria. Entre as matérias da escola, eu detestava biologia vegetal, mas adorava geometria. A geometria deve muito a René Descartes, um dos pais da filosofia moderna. A modernidade é um tempo que ainda está passando. Quem passa as roupas na casa dos meus pais é a dona Evandete, toda quinta-feira. Quinta-feira em francês se diz jeudi, que significa "dia de Júpiter", em latim. O latim é a língua que deu origem, entre outros, ao português, ao espanhol, ao romeno, ao catalão, ao francês e ao italiano. Franceses e italianos não se cansam de se agredir mutuamente. Uma agressão recente foi a cabeçada de Zidane no zagueiro Materazzi. Materazzi foi um dos destaques da seleção italiana campeã de 2006. Dois mil e seis foi o ano do rato. O francês Blek, o Rato, usa estêncil para fazer incríveis grafites na rua. A rua é o lado de fora da casa. Minha casa é um apartamento, mas antes era um "apertamento". Um "apertamento" é uma piada sem graça. Outra piada sem graça é a do "não, nem eu". Eu sou o Daniel, moro em Paris.

O ENCONTRO MARCADO

Um dia desses, tive um sonho bem estranho. Tomava uma taça de vinho na place de la République, com uma mulher que não conhecia. O papo era agradável, mas de repente surgiu uma contagem regressiva no alto da minha, digamos, tela mental. E indicava que aquele sonho terminaria em cinco segundos. Caramba, cinco segundos? No melhor da conversa? Quando já começávamos a virar fumaça, como o gênio da lâmpada, tive a ideia.

- A gente se reencontra amanhã, aqui mesmo, às 14h.

- Mas onde?

- Na esquina em frente ao KFC.

- Combinado!

Nunca reparei se havia realmente um KFC em République. Fui conferir no dia seguinte, na internet, e para a minha surpresa havia mesmo, exatamente em uma das esquinas. Nem preciso dizer que a minha manhã foi simplesmente a espera da hora do encontro. Até cheguei adiantado, como não é do meu costume.

Os termômetros marcavam 5ºC. Moleza para quem já enfrentou -8ºC. Tanto que fiquei sentado nas mesas do lado de fora, um pouco admirado da minha nova condição de imune ao frio. Aí lembrei que estava disfarçado de urso polar, com um grosso casaco de lã e um sobretudo. Bom, quase imune, digamos.

Eu não tinha muita certeza se ela viria mesmo. Além do mais, não seria fácil reconhecer um rosto que havia visto apenas uma vez e em um sonho.

Uma senhora passa e para em frente ao cardápio. Não era ela. Uma mais jovem vem em seguida, escutando seu iPod no último volume. Nos olhamos nos olhos. Por um instante, pensei que poderia ser. Mas ela não me reconheceu.

Observo a paisagem ao redor. No meio da praça, a estátua construída em homenagem à volta da república na França, após o período dos imperadores. As árvores ainda estão secas. A fumaça sai da boca das pessoas quando elas falam. E elas falam os mais diferentes idiomas: inglês, italiano, espanhol, português, línguas orientais, eslavas e tantas outras que não conseguiria entender nem aqui e nem na China. Muito menos na China, aliás.

Acredito tê-la visto saindo de um café ao lado. Mas essa passa por mim sem nem me notar. Observo outra, parada, exatamente no lugar onde combinamos. Parece esperar alguém. Olha impaciente para o relógio e, depois, na minha direção. Passo a mão nos cabelos, disfarçando um aceno tímido, mas logo para um carro na sua frente e ela salta para dentro. Dommage.

O dia está bonito. Céu quase azul. O sol bate nas janelas dos prédios, revelando uma luz transversal e fraca. Apenas o suficiente para fazer dessa uma agradável journée d'hiver.

E é nesse exato momento que percebo que ela está ao meu lado. Na verdade, já estava quando eu cheguei. Reconheço seu rosto. É o rosto dos que passam por aqui. É o negro, o japonês, o escandinavo, o latino, todos. São os carros, os ônibus, as vélibs, as motos. O KFC e o McDonald's ao lado de tradicionais cafés e brasseries. A senhora fumando, o senhor com as compras, a moça de óculos fashion, a mãe e a filha levando flores para alguém, os adolescentes com guitarras, o cachorro na coleira, o viajante e suas malas pesadas, o casal abraçado e apaixonado, os pombos misturando-se às pessoas, a velha de cabelo tingido de vermelho, as guimbas de cigarros ainda acesas pelo chão, o jovem pai empurrando um carrinho de bebê.

São 14h30. Já estou aqui há mais de meia hora. E ela, Paris, há muito mais tempo do que isso.